

SÉRIE ANTROPOLOGIA

305

**RITUAIS COMO ESTRATÉGIA ANALÍTICA
E ABORDAGEM ETNOGRÁFICA
RITUALS AS ANALYTICAL STRATEGY
AND ETHNOGRAPHIC APPROACH**

Mariza Peirano

**Brasília
2001**

ÍNDICE/INDEX

Versão em português:

Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica 3

English version:

Rituals as analytical strategy and ethnographic approach 13

Anexo 23

Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica¹

(Prefácio do livro *O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro, Relume Dumará)

Mais de um século depois do reconhecimento da antropologia como disciplina no ocidente, por que manter um debate sobre tema tão clássico como o dos rituais? O que significa propor, no momento atual, a abordagem dos rituais como estratégia para se analisar eventos etnográficos? Em que sentido a concepção de ritual nos auxilia na pesquisa antropológica? Décadas de discussão sobre uma definição de ritual (de Durkheim a Victor Turner, por exemplo), sobre a diferença entre ritual e cerimonial (preocupação central de Max Gluckman), ou ainda sobre a primazia entre ritos e mitos (disputa de Lévi-Strauss) não teriam esgotado o tema? De que nos serve, enfim, a idéia de ritual hoje?

Estas são as perguntas que esta coletânea procura responder. Todos os trabalhos foram apresentados no Seminário “Uma Análise Antropológica de Rituais”, realizado na Universidade de Brasília de 26 a 28 de junho de 2000, que reuniu, quase todos e em um momento ou outro, pesquisadores que haviam participado de cursos sobre o tema oferecidos nas últimas duas décadas na UnB e no Museu Nacional/UFRJ. Por sua vez, a matriz desses cursos teve como inspiração seminário ofertado por Stanley Tambiah na Universidade de Harvard, em 1977, época em que o autor redigia “A Performative Approach to Ritual” (Tambiah 1979, 1985)².

Os ensaios deste livro abordam temas variados, e neles encontramos a idéia de ritual como um modelo para analisar eventos sociais em sentido lato (ver itens iii a v

¹ Agradeço a Wilson Trajano Filho os valiosos comentários a esse texto.

² No projeto “Uma Antropologia da Política: Rituais, Representações e Violência”, em andamento desde 1997, e que reúne pesquisadores do Museu Nacional/UFRJ, Universidade de Brasília e Universidade Federal do Ceará, uma divisão de trabalho fez da UnB o ponto de referência para a linha de pesquisa sobre rituais. Vários dos autores do livro fazem parte desse projeto maior. Ver Peirano (2000) para ensaios que resultaram de curso recente sobre o tema, oferecido no 1º semestre de 2000 na Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade de Brasília.

abaixo), ampliando assim o foco desse fenômeno tão familiar aos antropólogos. Antes de o leitor iniciar seu percurso, contudo, neste prefácio procuro explicitar de forma resumida alguns pontos centrais que estarão presentes implícita ou explicitamente nos diversos capítulos. Vejamos.

(i) Primeiro, creio que todos os autores do livro comungam da idéia de que a antropologia se desenvolve pela constante renovação teórica que se realiza quando dados etnográficos dialogam, contestam ou expandem teorias anteriores. Esses confrontos essenciais resultam, à primeira vista de forma paradoxal, em novos refinamentos e ampliação de perspectivas — essa é a base da posição weberiana sobre a “eterna juventude” das ciências sociais e, na antropologia, vem sendo desenvolvida desde que Malinowski estabeleceu o *kula* como uma nova agência no mundo ocidental em contraste com as teorias então vigentes sobre “economia primitiva”. Em decorrência dessa perspectiva, autores/obras clássicos são sempre atuais, porque atuam como referência no movimento espiralado mediante o qual o refinamento da disciplina se dá.

(ii) Em segundo lugar, se a antropologia se desenvolve por meio do diálogo entre teoria e etnografia, esse procedimento tem como base *a surpresa* com que o antropólogo se depara com novos dados de pesquisa que são revelados, geralmente, nos tipos de eventos de que participa ou que reconhece como significativos para aqueles que observa — de Mauss e Malinowski a Geertz, passando por Lévi-Strauss, essa tem sido a base do entendimento sobre o que é etnografia. Eventos consistem no acontecimento “*then and there*” (Peirce 1955: 75). Sempre tangíveis, às vezes esperados, outras vezes meros acasos, produzindo revelações ou perplexidades, sua atualidade depende de suas relações com outros elementos existentes³.

(iii) Nesse sentido, entendemos que rituais são tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já recortados em termos nativos. Em outras palavras, tanto eventos ordinários, quanto eventos críticos e rituais partilham de uma natureza similar, mas os últimos são mais estáveis, há uma ordem que os estrutura, um sentido de acontecimento cujo propósito é coletivo, e uma percepção de que eles são diferentes. Eventos em geral são por princípio mais vulneráveis ao acaso e ao imponderável, mas não totalmente desprovidos de estrutura e propósito se o olhar do observador foi previamente treinado nos rituais.

³Ver Mauss (1925), Malinowski (1922), Lévi-Strauss (1962) e Geertz (1995). Madan (1994: 128) insiste que o antropólogo está constantemente “*hoping to be surprised*” (ênfases no original).

(iv) Um quarto ponto pode ser explicitado: rituais e eventos críticos de uma sociedade ampliam, focalizam, põem em relevo e justificam o que já é usual nela; se há uma coerência na vida social como antropólogos acreditamos, então o tipo de análise que se aplica a rituais também serve a eventos. (Esta perspectiva não é exclusiva da antropologia, naturalmente, e foi utilizada anteriormente por Jakobson, por exemplo, ao estudar a afasia e perceber nesse distúrbio lingüístico princípios básicos da linguagem em geral.) Estamos, portanto, lidando com fenômenos semelhantes em graus diversos⁴.

(v) Em razão da ênfase na perspectiva etnográfica é preciso salientar que *não* compete aos antropólogos definir o que são rituais. “Rituais”, “eventos especiais”, “eventos comunicativos” ou “eventos críticos” são demarcados em termos etnográficos e sua definição só pode ser relativa — nunca absoluta ou *a priori*; ao pesquisador cabe apenas a sensibilidade de detectar o que são, e quais são, os eventos especiais para os nativos (sejam “nativos” políticos, o cidadão comum, até cientistas sociais)⁵.

(vi) Focalizar rituais é tratar da ação social. Se esta ação se realiza no contexto de visões de mundo partilhadas, então a comunicação entre indivíduos deixa entrever classificações implícitas entre seres humanos, humanos e natureza, humanos e deuses (ou demônios), por exemplo. Quer a comunicação se faça por intermédio de palavras ou de atos, ela difere quanto ao meio, mas não minimiza o objetivo da ação nem sua eficácia. A linguagem é parte da cultura; também é possível agir e fazer pelo uso de palavras. Em outros termos, a fala é um *ato de sociedade* tanto quanto o ritual⁶. Há uma consequência fundamental dessa constatação: a antropologia sempre incorpora, de forma explícita ou implícita, uma teoria da linguagem.

(vii) Até pouco mais de duas décadas, a teoria lingüística dominante na antropologia provinha de Ferdinand de Saussure. A definição de signo como a relação entre conceitos e imagens acústicas, se por um lado destacou a dimensão psíquica da língua, por outro deu ênfase à estrutura e à arbitrariedade

⁴Não por acaso, esses princípios básicos (metafóricos e metonímicos) que Jakobson detectou já haviam sido explicitados por Frazer na sua teoria da magia.

⁵Tambiah (1985). Para a idéia de “great events”, ver Tambiah (1985: 130); para a idéia de “eventos comunicativos”, cf. Daniel (1996); para “critical events”, ver Das (1995).

⁶Para o desenvolvimento desse ponto específico, ver Leach (1966).

como definidoras da lingüística (que seria parte da semiologia) na ciência que se afirmava (Saussure s/d). O caráter social da língua estava estabelecido e permitia analogias com outros códigos. Ao focalizar rituais, no entanto, o paradigma saussureiano mostrou-se restrito, já que nos rituais a ação é tão ou mais importante que o pensamento⁷.

(viii) Com Peirce e Jakobson devolve-se a dimensão da ação à linguagem pela presença fundamental do Objeto em suas abordagens teóricas — os dois autores (um, filósofo; outro, lingüista) iluminam a performance dos signos e enfatizam a linguagem *em uso*. Em Peirce, “o signo representa alguma coisa, seu *objeto*” (1955: 99), o que permite, sem se tornar uma unidade monolítica, tomar a forma de um *ícone* (“um signo que se refere ao Objeto que denota meramente em virtude de características próprias”), um *índice* (“um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto”) ou um *símbolo* (“um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, usualmente em associação a idéias gerais”; cf. Peirce 1955: 102). Já para Jakobson, o “contexto da situação” reflete-se nas diferentes funções da linguagem, que influenciam e/ou informam o significado dos signos. Quando dirigida de forma primordial ao remetente, domina a função emotiva; ao destinatário, a função conativa; ao contexto, a função referencial; à própria mensagem, a função poética; ao contato, a função fática; e ao código, a função metalingüística (Jakobson s/d)⁸.

(ix) Em vários dos ensaios que se seguem, Austin (1962) terá um lugar central. Ele rejeita a idéia de que os enunciados apenas “descrevem” situações e, portanto, podem ser considerados falsos ou verdadeiros. O autor reforça a noção de que diversas palavras em pronunciamentos aparentemente descritivos indicam (isto é, não descrevem) as circunstâncias nas quais eles ocorrem.

⁷Silverstein (1977) aborda o vínculo entre a lingüística e a antropologia em termos das conseqüências para a pesquisa de campo. A arbitrariedade dos signos pode ser constatada já em 1954, quando Leach argumenta que não interessa saber por que as mulheres casadas inglesas usam anel em um dedo específico e as mulheres kachins, um turbante (Leach 1954). Naturalmente, o estruturalismo de Lévi-Strauss é o grande devedor de Saussure. Ver Sahlins (1981), para um ensaio que procura incluir a ação e a mudança na perspectiva saussureiana. (A ênfase nos rituais e a incompatibilidade que tinha com a lingüística então predominante, talvez tenham levado Turner (1967) a optar pela perspectiva junguiana.)

⁸Vale ressaltar que, para Peirce, não há ícones, índices ou símbolos puros, mas uma hierarquia de valores dominantes em cada signo, e, para Jakobson, algumas funções são predominantes, mas não exclusivas. Para a noção de “contexto da situação”, ver Malinowski (1930).

Palavras são atos e podem ser referenciais — como nosso senso comum pressupõe —, mas também *fazer* coisas por meio de seu próprio pronunciamento. Desse ângulo, Austin recorta atos *performativos*, que são aqueles nos quais a enunciação já constitui sua realização: “Eu prometo” é um exemplo. Trata-se de expressão que não apenas exprime algo no presente ou no futuro, mas é um compromisso, uma ação, com uma força intrínseca que o autor chama de “*ilocucionária*”⁹.

(x) O potencial e a riqueza de autores como Peirce, Jakobson e Austin serão examinados, de diferentes perspectivas e ângulos, nos ensaios desta coletânea. Partindo de um ponto de vista performativo do ritual, desenvolvido por Tambiah (1985), os autores deste livro dão maior ou menor ênfase a um desses teóricos da linguagem, dependendo do diálogo com o material etnográfico que estão examinando. Vale ressaltar, como último ponto, que a partir de Peirce, Jakobson e Austin, estamos no domínio da ação, do ato, do rito. Nesse contexto, quando contemporaneamente antropólogos de outras vertentes enfatizam a fala (do nativo e do antropólogo) como forma de questionamento da autoria da etnografia em suas dimensões políticas, fixamos nosso interesse na ação (e compreendemos inclusive a fala como tal), *exatamente* porque entendemos que o ato e o processo têm uma dimensão teórico-política que nasce da temporalidade do evento, da criatividade do vivido, da perda e do ganho inevitáveis do instante histórico. No exame do evento e do ritual, objetivos teórico-intelectuais e político-pragmáticos se unem.

Em suma, os trabalhos aqui apresentados focalizam o que os sujeitos fazem, tanto ou mais do que dizem fazer. Parte-se da perspectiva durkheimiana que vê nos cultos e rituais verdadeiros *atos de sociedade* nos quais são reveladas visões de mundo dominantes de determinados grupos. Nesse contexto, ritos continuam sendo a contrapartida das representações, mas muitas vezes analiticamente superiores pela dimensão imponderável, aspecto fundamental da vida em sociedade. Nos textos aqui reunidos, rituais e eventos ampliam, acentuam, sublinham o que é comum em uma sociedade, trazendo como conseqüência o fato de que o instrumental analítico utilizado para o exame de rituais mostra sua serventia para a análise de eventos naturalizados ou excepcionais de uma sociedade. Um outro ponto merece destaque: a fala é um evento

⁹Se a locução performativa tem um força *ilocucionária*, o enunciado referencial tem, para Austin, sentido *locucionário*. Por outro lado, os efeitos não antecipados de uma ação são considerados *perlocucionários*. É importante salientar que locuções performativas não obedecem a critérios de verdade mas, *nas circunstâncias apropriadas*, são “felizes” ou “corretas”. Chamo a atenção para a inevitável associação entre a idéia de “força ilocucionária”, que realiza a ação pela própria enunciação, com a noção de “transferência” na magia, formulada por Mauss (1925).

comunicativo e deve ser colocada em contexto para que seu sentido seja compreendido. Não é possível, portanto, separar o dito e o feito, *porque o dito é também feito*. Considerando-se esta dimensão básica, é preciso então ressaltar que a etnografia é bem mais que um mero descrever de atos presenciados ou (re)contados — a boa etnografia leva em conta o aspecto comunicativo essencial que se dá entre o pesquisador e nativo, o “contexto da situação”, que revela os múltiplos sentidos dos encontros sociais. A ênfase na dimensão vivida como meio de acesso a visões de mundo está marcada no livro pela própria natureza dos ensaios: exceto dois deles, todos são análises de materiais etnográficos específicos. Aqui temos a teoria *em ação* nas análises.

A estrutura do livro

O livro está dividido em quatro partes: um ensaio introdutório compreende a primeira delas, onde faço um exame sobre o estudo de rituais na antropologia para então introduzir a perspectiva performativa de Stanley Tambiah, ao mesmo tempo que procuro homenagear o autor por meio de um comentário detalhado sobre seu livro *Levelling Crowds* (Tambiah 1996), que ilustra como o estudo de rituais permite explicitar componentes centrais de cenários de violência contemporânea.

Na segunda parte, dois trabalhos têm por objetivo mostrar o rendimento analítico de clássicos da teoria da linguagem no exame de eventos atuais. Ana Flávia Moreira Santos inspira-se em Charles Peirce para analisar a peça teatral *Um Beijo no Alfalto*, de Nelson Rodrigues, indicando como processos de tipificação se desenvolvem não pela descrição de uma dada “realidade”, mas pela construção dialógica, em um jogo que inclui interesses, poder e desejo. Jayme M. Aranha Filho, por sua vez, elege como interlocutor Roman Jakobson para examinar as mensagens enviadas por espaçonaves na expectativa de encontrar um destinatário extraterrestre. Esse contexto inusitado lhe permite observar como a inexistência de um destinatário empírico repercute no modelo de conversação, revelando, em diversas situações, as relações hierárquicas das seis funções da linguagem que Jakobson propõe.

Todos os ensaios da terceira parte focalizam gêneros de eventos comunicativos, resultado de pesquisas de campo empíricas individuais. Para Wilson Trajano Filho, este gênero são os rumores na Guiné-Bissau. Depois de estudá-los como narrativas da nação, Trajano agora escrutina esse mesmo fenômeno no contexto da *web* e indica como a definição de rumor como um gênero narrativo oral complexo que se caracteriza por uma estrutura de transmissão aberta, dialógica e dramática e por um forte valor performativo se mantém nos fóruns de discussão da internet, colocando em questão a necessidade propalada do *print capitalism* nos processos de construção

nacional. Já Carla Costa Teixeira elege as bravatas como gênero a ser examinado no contexto do Congresso Nacional brasileiro, a partir do processo de cassação do deputado federal Sérgio Naya. Carla caracteriza a bravata como uma mentira ritual, um ato de fala cuja mensagem comunicada não é constituída por sua referencialidade ao contexto comunicativo, mas pelo compromisso firmado pelo próprio ato de fala. Tipo específico de linguagem defensiva, as bravatas do deputado não o livraram da cassação.

Outro gênero de evento é analisado por Christine de Alencar Chaves a partir da Marcha Nacional do MST em 1997. Para Christine, como um ritual de longa duração, a Marcha produziu um capital simbólico conquistado ao longo da caminhada, revelando o potencial de agregação de um fenômeno tão antigo e generalizado como são as peregrinações. Como demonstra a autora, a Marcha Nacional, como ação coletiva de caráter expressivo, percorreu mais que estradas: criou e atravessou um *solo moral*. No último capítulo deste conjunto de ensaios, John Comerford mostra como o vínculo entre morfologia social e sentido está presente nas reuniões de camponeses por meio de uma etnografia minuciosa dos elementos que as compõem, focalizando a negociação da pauta, o poder da coordenação, o papel das discussões e do público, chegando à tensão entre dois tipos de concepções: uma mais igualitária, que enfatiza valores de participação, e outra, mais hierárquica, quando aqueles que *falam bem* se destacam no corpo social.

A quarta parte abre com a “nota exploratória” de Moacir Palmeira sobre política e tempo. Aqui, Moacir amplia a noção de “tempo da política” que desenvolveu anteriormente, e que geralmente se constitui em um período marcado por rituais e interdições. Mas “tempo” é também termo nativo entre populações camponesas para se referir a outros fenômenos (festas, safra, plantio, Quaresma, greve) e até personalidades. O autor lança então a idéia provocativa de que, nesses contextos, a ordem social não é percebida em termos orgânicos ou mecânicos, como foi naturalizada pelo senso comum acadêmico, mas em termos de adequação de comportamentos a determinadas finalidades postas em um certo momento. Trata-se, portanto, da identificação de uma sociologia nativa que não divide a sociedade em “esferas” ou “domínios” de uma estrutura social, mas sim em *tempos*, momentos quando o poder se torna força. As implicações desta proposta são instigantes e desafiadoras.

Dois trabalhos encerram o livro sugerindo um “clima de tempo” em dois contextos muito diferentes. Para examinar as eleições na Assembléia Geral da ONU, Paulo de Góes Filho utiliza o instrumental da análise de rituais para indicar os paradoxos que permeiam as relações no mundo das nações: em circunstância em que se pretende exaltar a igualdade e a simetria, recorre-se às diferenças e chamam-se as hierarquias; em um espaço que se pretende público, negocia-se a portas fechadas.

Mesmo na ONU, o tempo da política está marcado por campanhas, consultas, negociações e eleições: é quando se expressa o ideal de uma ordem internacional democrática. Atravessando outros espaços e tempos, Carlos Alberto Steil vai retratar o processo de etnização da política em Rio das Rãs, Bahia, onde as categorias “posseiros” e “trabalhadores rurais” são ressignificadas como “negros” e “remanescentes de quilombo”. Nesse movimento, é simbólica a caravana que se dirige a Brasília e percorre um roteiro que inclui os Ministérios da Cultura e da Justiça, Palácio do Planalto, Procuradoria-Geral da República e Polícia Federal. Carlos Steil vê o percurso como uma *via-crúcis*, que comporta quedas e percalços, mas que também produz um novo sentido no qual reivindicar direitos sociais a partir de uma história e identidade se torna ato legítimo.

Agradecimentos

Nunca é possível agradecer a todos que ajudam na realização de um evento e na feitura de um livro. Aproveito esta oportunidade para explicitar a dívida com Wilson Trajano Filho, que contribuiu para a preparação do Seminário que deu origem a este livro no que diz respeito ao seu desenho e organização, e que, como coordenador do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília na época, tornou-o viável. Luís Roberto Cardoso de Oliveira foi solidário quando tudo apontava para dificuldades a vencer. A Moacir Palmeira, coordenador do projeto “Uma Antropologia da Política”, agradeço tanto a participação no encontro quanto pela pequena jóia com que nos brindou, então e agora. A Rosa Cordeiro devemos o trabalho de infra-estrutura, realizado invariavelmente com competência e serenidade. A Tema Pechman, o agradecimento pelo fino copidesque e pela cumplicidade nas artes de se fazer um livro. Finalmente, sou grata aos participantes, quase todos antigos alunos, que me deram o maior presente, o entusiasmo do encontro e das discussões, e a gratificação de sentir que valeu a pena.

Referências

AUSTIN, John L. 1962. *How to Do Things with Words*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

DANIEL, E. V. 1996. *Charred Lullabies. Chapters in an Anthropography of Violence*. Princeton: Princeton University Press.

DAS, V. 1995. *Critical Events. An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Delhi: Oxford University Press.

GEERTZ, C. 1995. *After the Fact. Two Countries, Four Decades, One Anthropologist*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

JAKOBSON, R. s/d. “Aspectos Lingüísticos da Tradução”. In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, pp. 63-72. [Originalmente publicado em 1959 como “Linguistic Aspects of Translation”. In: Brower (org.), *On Translation*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.]

_____. 1960. “Closing Statement: Linguistics and Poetics”. In *Style in Language*, ed. Thomas A. Sebeok. New York: Wiley, pp. 350-377.

LEACH, E. R. 1954. *Political Systems of Highland Burma*. Boston: Beacon. [Publicado em português como *Sistemas Políticos da Alta Birmânia* pela Editora da Universidade de São Paulo, 1995.]

_____. 1966. “Ritualization in Man”. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, série B, 251(772): 403-408.

LÉVI-STRAUSS, C. 1962. *La Pensée Sauvage*. Paris: Plon.

MADAN, T. N. 1994. *Pathways. Approaches to the Study of Society in India*. New Delhi: Oxford University Press.

MALINOWSKI, B. 1922. *Argonauts of the Western Pacific*. New York: E. P. Dutton.

_____. 1930. “The Problem of Meaning”. In: C. K. Ogden & I. A. Richards (eds.), *The Meaning of Meaning* (3rd ed.). London: Kegan Paul. [Traduzido para o português como “O Problema do Significado em Linguagens Primitivas”. In: G. K. Ogden e I. A. Richards (eds.), *O Significado de Significado: um Estudo da Influência da Linguagem sobre o Pensamento e sobre a Ciência do Simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 295-330.]

MAUSS, M. 1925. “Essai sur le Don. Forme et Raison de l'Échange dans les Sociétés Archaïques”. *L'Année Sociologique* (n. s.), 1: 30-186.

PEIRANO, M. (org. e intro.). 2000. “Análises de Rituais”. *Série Antropologia* 283. Brasília: Universidade de Brasília, 119 pp.

PEIRCE, C. 1955 [1940]. *Philosophical Writings of Peirce* (selected and edited with an introduction by J. Buchler). New York: Dover Publications. [Alguns capítulos foram publicados em português pela Editora Perspectiva, São Paulo, em *Semiótica*, 1990.]

SAHLINS, M. 1981. *Historical Metaphors and Mythical Realities: Structure in Early History of the Sandwich Islands Kingdom*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

SAUSSURE, F. de. s/d. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.

SILVERSTEIN, J. 1977. "Language as Part of Culture". In: S. Tax & L. Greeman (eds.), *Horizons of Anthropology* (2nd. edition). Chicago: Aldine Publishing Co., pp. 119-131.

TAMBIAH, S. J. 1979. "A Performative Approach to Ritual". *Proceedings of the British Academy*, 65: 113-169.

_____. 1985. *Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological Perspective*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

_____. 1996. *Leveling Crowds: Ethnonationalist Conflicts and Collective Violence in South Asia*. California/London: University of California Press.

TURNER, V. 1967. *The Forest of Symbols. Aspects of Ndembu Ritual*. Ithaca: Cornell University Press.

Rituals as analytical strategy and ethnographic approach¹

(Preface: *O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2001)

More than a century after the recognition of anthropology as discipline, why should we keep debating the relevance of rituals? What does it mean to propose that ritual can operate both as ethnographic approach and as strategy for analyzing events? In what sense does the idea of ritual help us in doing fieldwork? Have not decades of discussion about the definition of ritual (from Durkheim to Victor Turner, for example), about the difference between ritual and ceremony (a main concern of Max Gluckman), or the primacy between rites and myths (a polemic for Lévi-Strauss) exhausted the topic? In short, of what use is the idea of ritual today?

These are some of the questions this book tries to answer. All the essays are revised versions of papers initially presented at the workshop “Towards An Anthropological Analysis of Rituals,” held at the Universidade de Brasília (UnB) from June 26 - 28, 2000, that congregated almost all, and in one moment or another, former students in courses and seminars which have been offered on this topic for the last two decades in the Anthropology Department/UnB and in the Graduate Program of Museu Nacional/UFRJ.² These courses in Brazil had as their initial frame of reference a graduate seminar offered by Stanley Tambiah at Harvard University in 1977, when the author was writing “A Performative Approach to Ritual” (Tambiah 1979, 1985).

Though the following essays touch a variety of topics, in all of them we find the idea that rituals may serve as a model to analyze social events in a broad sense (see item iii to v below), thus enlarging the focus of this phenomenon so familiar to anthro

¹ I thank Wilson Trajano Filho for his helpful comments to this text.

² The workshop in question was part of the ongoing project “Towards an Anthropology of Politics: Rituals, Representations and Violence,” in which researchers from the Universidade de Brasília, Museu Nacional/UFRJ and Universidade do Ceará cooperate. In the main project, a pragmatic division of labor made Brasília a center for the project about rituals. Many of authors of this book are part of this larger project.

pologists. In this preface I briefly present some central points that are introduced explicitly or implicitly in the chapters that follow.

(i) First, I believe we all share the idea that the development of anthropology is characterized by a continuing theory refinement that occurs whenever new ethnographic data contests, enters into dialogue with, or expands upon previous theories. These essential confrontations result paradoxically in new and enlarged perspectives — in short, this is the basis of the Weberian perspective about social sciences’ “eternal youth” which, in anthropology, has been developed since Malinowski established the *kula* as a new agency in the western world in contrast with the prevailing theories on “primitive economy.” From this perspective, classical works and authors may always be re-read, acting as reference in the spiraled movement through which the development of the discipline is accomplished.

(ii) Second, if anthropology develops through the dialogue between theory and ethnographic findings, this procedure has as its center *the surprise* with which anthropologists face new research data usually revealed in the kinds of events which they participate in or which are recognized as significant by those whom the ethnologist observe — from Malinowski to Geertz, by way of Lévi-Strauss, this has been the basis for the understanding of what ethnography is. Events consist of the happenings “*then and there*” (Pierce 1955: 75). Always tangible, sometimes expected, other times pure chance, producing revelations or perplexities, events maintain their actuality through relationships with other existing elements.³

(iii) In this sense we understand that rituals are special kinds of events, more formalized and stereotyped than common occurrences and, therefore, more susceptible to analysis because already framed in native terms as somehow special. In other words, both ordinary and critical events as much as rituals share a similar nature, but the latter are more stable: there is an order that structures them, a sense of a collective purposiveness, and an indigenous perception that they are different. Contrasting with rituals, events in general are more vulnerable to chance and to imponderability, *but not lacking in structure and purpose if the perspective of the observer has been previously trained in rituals.*

(iv) A fourth point can be made: rituals and critical events of a society enlarge,

³ See Malinowski (1922), Lévi-Strauss (1962) and Geertz (1995). Madan (1994: 128) insists that the anthropologist is constantly “*hoping to be surprised*” (emphasis in the original).

focus, highlight and justify what is ordinary there; if there is a coherence in social life as anthropologists believe, then the kind of analysis that is appropriate to rituals is also fitting for events. (This perspective, of course, is not exclusive to anthropology; in studying aphasia, Jakobson, for example, distinguished in that linguistic disorder basic principles of ordinary language.) We are thus dealing with similar processes in different degrees.⁴

(v) Given the emphasis on the ethnographic dimension, it is not to anthropologists to define what rituals are. When framed in ethnographic terms, “rituals,” “special events,” “communicative events” or “critical events” must have a relative definition — never absolute, nor *a priori*. Of the anthropologist it is simply required the sensibility to detect when special events occur for natives (whether “natives” be politicians, common citizens, or even social scientists).⁵

(vi) To focus on rituals is to deal with social action. If action is carried out in the context of shared worldviews, then communication between individuals reveals implicit classifications between human beings, between human beings and nature, and between human beings and gods (or demons), for example. Whether communication is carried out by means of words or acts, these differences in media do not minimize either the actions’ purpose or its efficacy. Since language is part of culture, it is also possible to do things by means of words. In short, the use of language is an *act of society* just as ritual.⁶ A fundamental consequence derives from this perspective: anthropology always incorporates, implicitly or explicitly, a theory of language.

(vii) As of a little over two decades ago, the dominant linguistic theory in anthropology derived from Ferdinand de Saussure. The definition of the sign as a relationship between concepts and acoustic images, if on one hand highlighted the psychological dimensions of language, on the other emphasized structure and arbitrariness as the defining elements of the science that linguistics aimed to be (which, for Saussure, would be part of semiotics). From then on, the social character of language was established, allowing for analogies with other codes. When focusing on rituals, however, the Saussurean paradigm was limited, since

⁴ Not by chance, these basic principles (metaphor and metonymy) detected by Jakobson had been already dealt with by Frazer in his theory of magic.

⁵ Tambiah (1985). For the idea of “great events,” see Tambiah (1985: 130); for the idea of “communicative events” see Daniel (1996); for “critical events” see Das (1995).

⁶ For this specific point, see Leach (1966). See Saussure (s/d).

in rituals action is as important, if not more, than pure thought.⁷

(viii) With Charles Peirce and Roman Jakobson the dimension of action is restored in language by the fundamental presence of the Object. These two authors (one, philosopher; the other, linguist) focus on the performance of signs and put emphasis on language *in use*. In Peirce, “the sign stands for something, its *object*” (1955: 99), which allows it to take the form of an *icon* (“a sign which refers to the Object that it denotes merely by virtue of characters of its own [,] ... whether any such Object actually exists or not”, an *index* (“a sign which refers to the Object that it denotes by virtue of being really affected by that Object”), or a *symbol* (“a sign which refers to the Object that it denotes by virtue of a law ... which operates to cause the Symbol to be interpreted as referring to that Object”) (cf. Peirce 1955: 102).

For Jakobson, “the context of situation” surfaces in the different functions of language that influence and/or inform the meaning of signs. Considering an addresser that sends a message to an addressee, a *context* is required for the message to be operative, a *code* for the message to be at least partially common to the addresser and addressee, and a *contact* to provide a physical channel and psychological connection, enabling the addresser and the addressee to enter and stay in communication. These six factors correspond to separate functions which stand in various hierarchical orders. A dominant function determines the structure of the message: the *emotive* (or expressive) function centers on the speaker; an orientation toward the addressee characterizes the *conative* function; the *phatic* function is based on the physical or psychological contact; the *referential* or *cognitive* function dominates ordinary discourse; when the code is addressed, the *metalinguistic* function dominates; characteristic of the *poetic* function is the set toward the message as such (Jakobson 1960, Holestein 1974: 153-164).⁸

⁷ Some references are due here: Silverstein (1977) approaches linguistics to anthropology in terms of the consequences for fieldwork. The (Saussurean) arbitrariness of the sign was noted in 1954 by Leach, when the author argued that it was not important to know why married English women wear a ring on a specific finger and Kachins women use turbans (Leach 1954). Of course, Lévi-Strauss’s structuralism is greatly indebted to Saussure. See Sahlins (1981) for an exercise in merging structure and action from a Saussurean perspective. The incompatibility that Victor Turner felt with linguistics, i.e., Saussurean linguistics, was perhaps what led him to opt for a Jungian perspective (cf. Turner 1967);

⁸ Note that, for Peirce, there are not pure icons, indexes or symbols, but a hierarchy of dominant values in each sign. Similarly, for Jakobson, some functions are predominant, but not exclusive. For the notion of the context of the situation, see Malinowski (1930).

(ix) In several of the essays that follow, Austin (1962) will have a fundamental place. Austin rejects the idea that utterances merely “describe” situations, being subjected to a simple true or false evaluation. The author reinforces the notion that different words in apparently descriptive speeches indicate (i.e., do not describe) the circumstances in which they occur. Spoken words are acts and they can be referential — as our common sense assumes —, but may also *do* things by means of the act of speaking. From this angle, Austin highlights *performative* acts, which are those in which the utterance constitutes its accomplishment: “I promise,” is an example. This expression not only has a meaning in the present or in the future, but is also a commitment, an action, with an intrinsic force that the author defines as “*illocutionary*.”⁹

(x) Having as a starting point a performative approach to ritual (Tambiah 1979, 1985), the contributors to this book proceed to debate with greater or lesser emphases with Peirce, Jakobson and Austin, depending on the ethnographic data under examination. It is important to stress that by dialoguing with Tambiah, Peirce, Jakobson, and Austin, we are firmly in the realm of action, of motion, of process, of rite, from which worldviews are elicited or evoked. In this context, when contemporary anthropologists of different persuasions put emphasis on language (of the native and of the anthropologist) as a form of questioning the authorship of ethnography in its political dimensions, we place our interest in action — and include the speech act as such — *exactly* because we understand that the focus on the act has a theoretical-political dimension which is born from the temporality of the event, from the creativity of lived experience, and based on the inevitable losses and gains of the historical moment. In the examination of the event and of ritual, theoretical-intellectual objectives and political-pragmatics ones are joined, complementing each other.

In short, the articles presented here focus on what individuals do, as much or more than on what they say they do. We start from the Durkheimian perspective that sees cults and rituals as true *acts of society* in which the dominant worldviews of certain groups may be revealed. In this context, “rites” are a counterpart to “representations,”

⁹ If the performative locution has an *illocutionary* force, the referential utterance has, for Austin, a *locutionary* meaning. On the other hand, the unanticipated effects of an action are considered *perlocutionary* acts by Austin. It is important to note that performative locutions do not obey a criterion of truth but, in *the appropriate circumstances*, are “happy” or “felicitous.” I call attention to the inevitable association between Austin’s idea of “illocutionary force” with the notion of “transference” in magic, as formulated by Mauss (1925).

but often superior in analytical terms due to the imponderable dimension, a main aspect of life in society. In the chapters of the book, rituals and events enlarge, accentuate and underline what is common in a society, indicating that the analytical tools used to study rituals are useful for the analysis of both ordinary and exceptional events of a society. Another point needs to be emphasized: speech is a communicative event and needs to be placed in context in order for its meaning to be properly examined. It is not possible, therefore, to separate what is said from what is done, *because the said is also done*. Considering this basic dimension, it is necessary to insist that ethnography is more than a simple description of acts observed or re-counted — good ethnography incorporates the essential communicative dimension that occurs between the ethnologist and whoever occupies, in a certain “context of situation,” the role of a “native.” The emphasis on the lived dimension as a form of access to worldviews is marked in the book by the very nature of the essays — with exception of two of them, all are analyses of specific ethnographic materials. The actual genre of the texts emphasizes theory *in action*.

The structure of the book

This book is divided into four parts. First is an introduction, in which I examine the anthropological study of rituals in order to introduce the performative approach put forth by Stanley Tambiah, while at the same time offering a tribute to the author by means of a detailed commentary on his book *Levelling Crowds* (Tambiah 1996). The book illustrates in a superb way how ritual analysis can be used to reveal certain central dimensions of contemporary scenarios of violence.

In the second part, two analytical essays reconfirm the value of classics in the field of theory of language for examining current events. Ana Flavia Moreira Santos gets her inspiration in Charles Peirce in order to analyse the play *Um Beijo no Asfalto*, by Nelson Rodrigues, indicating how typification processes are developed not by the description of a given “reality,” but by a dialogic construction in the interplay of interest, power and desire. The central plot of the play is the kiss a newspaper reporter gives a dying man (following the latter’s supplication) who had been hit by a bus in the middle of a street — an event that launches a continuing process of typification regarding the reporter’s sexual preferences. For his part, Jayme M. Aranha Filho chooses Roman Jakobson as an interlocutor for the purpose of examining messages sent by spaceships with the hope of finding extra-terrestrial receivers. This unusual context — in which the receiver is unknown — allows the author to observe Jakobson’s functions of language in different hierarchical groupings and relationships as much as to play with western cosmologies.

The essays of the third part focus on communicative events that resulted from individual empirical fieldwork, looking at them as genres of ritual communication with a bearing on the idea of an “anthropology of politics.” After having studied rumors in Guinea-Bissau as narratives of the nation, Trajano now analyzes this same phenomenon in the context of the *Web*, and indicates how the definition of rumor as a complex oral narrative genre, characterized by a structure of open dialogic, dramatic transmission and by a strong performative force is maintained in forums of discussion on the Internet, thereby questioning the proclaimed need of print capitalism for the processes of nation-building to take hold. Carla Costa Teixeira chooses boasting (*bravata*) as a genre to be examined in the context of politics, particularly the Brazilian National Congress. She uses as her case study the process of expulsion from the House of Representative Sérgio Naya for lack of “parliamentary decorum.” In analysing this case, the author characterizes “*bravata*” (boasting) as a ritual lie, a defensive language, a speech act whose message is not constituted by its referentiality to the communicative context, but for a commitment established in the very act of speaking.

Another genre of political event is the march, here analyzed by Christine de Alencar Chaves. The “National March of the Landless Peasant Movement,” which took two months to cover 1,000 kilometers, ended in April 1997 — one year after the death of 19 landless peasants in North of Brazil. As a ritual of long duration, the march produced a significant symbolic capital, slowly accumulated during the days of sacrifice, thus revealing the high potential of a phenomenon so old and generalized as pilgrimage. The author indicates how the March crossed more than roads — it created and traversed a *moral ground*. In the last chapter of this set of essays, John Comerford scrutinizes peasant meetings, showing how the link between social morphology and meaning can be detected in these phenomena. Through a detailed ethnography, the author focuses on the sequence of actions that precede the meetings, the negotiation which produces the meeting agenda, the actual event and the power of leadership, the role of participants’ discussions, and the tension that exists between two types of native conceptions: one more egalitarian, that puts emphasis on the values of participation, and another more hierarchical, when those who “*speak well*” gain special social recognition.

The fourth part opens with an “exploratory note” by Moacir Palmeira about politics and time. Here, Moacir amplifies and expands the notion he had previously proposed of a “time of politics” — a period usually marked in the Brazilian hinterland by rituals and interdictions. But “time,” he now reminds us, is also a native term used by peasants in order to refer to other phenomena (festivals, harvest, planting, Lent, strikes), even personalities (“time of Arraes”). Palmeira puts forth the idea that, in these

contexts, social order is not perceived in organic or mechanical terms — as academic common sense has it —, but rather as appropriate behavior in certain moments for specific ends. The author thus identifies what we could perceive as a native sociology, one that does not divide society into “spheres” or “domains” of a social structure, but into different *times*, moments when power becomes force. The implications of this proposal are intriguing and challenging.

Two essays close this book suggesting a “climate of times” in two very different political contexts. By examining the elections of the General Assembly of the United Nations Organization, Paulo de Góes Filho advances an analysis of this ritual in order to indicate some of the paradoxes that permeate many relationships in the world of nations: in a context which intends to highlight equality and symmetry, appeals are made towards differences and hierarchies; in spaces forcefully public, negotiations are carried on behind closed doors. In the UN, a “time of politics” is also marked by campaigns, polls, negotiations, while expressing the ideal of a democratic international order. In this context, ritual is the basic means of communication, without which conflict and misunderstandings dominate. Moving to other spaces and times, Carlos Alberto Steil analyzes the process of the ethnization of politics in Rio das Rãs, Bahia, where categories such as “landholders” and “rural workers” are re-signified as “Blacks” (*negros*) or “maroons” (*remanescentes de quilombos*). In this process, he examines the role of a caravan that went from Bahia to Brasília, including visits to the Ministry of Culture, the Ministry of Justice, the Presidential Palace, the Attorney General’s Office and the Federal Police Department. This journey is seen by Steil as a *via crucis* that includes falls and strays, but that also produces new meanings in which to claim social rights.

Acknowledgements

It is never possible to thank all those who helped in the realization of an event and in the making of a book. I want to thank Wilson Trajano Filho, who contributed to the preparation of the Seminar that gave birth to this book with regard to its design and organization, and who, the then head of the graduate program in anthropology of the Universidade de Brasília, helped the Seminar to become a reality. Luis Roberto Cardoso de Oliveira gave strong support whenever we faced difficulties. To Moacir Palmeira, the principal coordinator of the project “Towards An Anthropology of Politics,” I want to thank both his participation in the event as the insightful text he presented us. Rosa Cordeiro was indispensable in planning the logistics of the event. I thank Tema Pechman for the fine copydesk in Portuguese and for sharing with me her competence in the arts of making a book. Finally, I thank all the participants, almost all former students, who gave me the best gift — their enthusiasm in the discussions, and the

gratification of knowing that it was worth the effort. *Valeu a pena!*

Translated by Claudia Cortez

References

AUSTIN, John L. 1962. *How to Do Things with Words*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

DANIEL, E. V. 1996. *Charred Lullabies. Chapters in an Anthropography of Violence*. Princeton: Princeton University Press.

DAS, V. 1995. *Critical Events. An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Delhi: Oxford University Press.

GEERTZ, C. 1995. *After the Fact. Two Countries, Four Decades, One Anthropologist*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

HOLESTEIN, E. 1974. *Roman Jakobson's Approach to Language*. Bloomington: Indiana University Press.

JAKOBSON, R. s/d. "Aspectos Lingüísticos da Tradução". In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, pp. 63-72. [Originalmente publicado em 1959 como "Linguistic Aspects of Translation". In: Brower (org.), *On Translation*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.]

_____. 1960. "Closing Statement: Linguistics and Poetics". In *Style in Language*, ed. Thomas A. Sebeok. New York: Wiley, pp. 350-377.

LEACH, E. R. 1954. *Political Systems of Highland Burma*. Boston: Beacon. [Publicado em português como *Sistemas Políticos da Alta Birmânia* pela Editora da Universidade de São Paulo, 1995.]

_____. 1966. "Ritualization in Man". *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, série B, 251(772): 403-408.

LÉVI-STRAUSS, C. 1962. *La Pensée Sauvage*. Paris: Plon.

MADAN, T. N. 1994. *Pathways. Approaches to the Study of Society in India*. New Delhi: Oxford University Press.

MALINOWSKI, B. 1922. *Argonauts of the Western Pacific*. New York: E. P. Dutton.

_____. 1930. "The Problem of Meaning". In: C. K. Ogden & I. A. Richards (eds.), *The Meaning of Meaning* (3rd ed.). London: Kegan Paul. [Traduzido para o português como "O Problema do Significado em Linguagens Primitivas". In: G. K.

Ogden e I. A. Richards (eds.), *O Significado de Significado: um Estudo da Influência da Linguagem sobre o Pensamento e sobre a Ciência do Simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 295-330.]

MAUSS, M. 1925. “Essai sur le Don. Forme et Raison de l'Échange dans les Sociétés Archaïques”. *L'Année Sociologique* (n. s.), 1: 30-186.

PEIRANO, M. (org. e intro.). 2000. “Análises de Rituais”. *Série Antropologia* 283. Brasília: Universidade de Brasília, 119 pp.

PEIRCE, C. 1955 [1940]. *Philosophical Writings of Peirce* (selected and edited with an introduction by J. Buchler). New York: Dover Publications. [Alguns capítulos foram publicados em português pela Editora Perspectiva, São Paulo, em *Semiótica*, 1990.]

SAHLINS, M. 1981. *Historical Metaphors and Mythical Realities: Structure in Early History of the Sandwich Islands Kingdom*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

SAUSSURE, F. de. s/d. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.

SILVERSTEIN, J. 1977. “Language as Part of Culture”. In: S. Tax & L. Greeman (eds.), *Horizons of Anthropology* (2nd. edition). Chicago: Aldine Publishing Co., pp. 119-131.

TAMBIAH, S. J. 1979. “A Performative Approach to Ritual”. *Proceedings of the British Academy*, 65: 113-169.

_____. 1985. *Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological Perspective*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

_____. 1996. *Leveling Crowds: Ethnonationalist Conflicts and Collective Violence in South Asia*. California/London: University of California Press.

TURNER, V. 1967. *The Forest of Symbols. Aspects of Ndembu Ritual*. Ithaca: Cornell University Press.

Anexo

Índice do livro *O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais* (Relume Dumará, 2001)

Prefácio

Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica
Mariza G.S. Peirano

Parte I – Rituais e eventos

Cap. 1 — A análise antropológica de rituais
Mariza G.S. Peirano

Parte II – Ensaios analíticos

Cap. 2 — Peirce e *O Beijo no Asfalto*.
Ana Flávia Moreira Santos

Cap. 3 — Jakobson a bordo da sonda espacial Voyager
Jayme M. Aranha Filho

Parte III – Gêneros de eventos comunicativos

Cap. 4 — A nação na *web*: rumores de identidade em Guiné-Bissau
Wilson Trajano Filho

Cap. 5 — Das *Bravatas*. Mentira ritual e retórica da desculpa
Carla Costa Teixeira

Cap. 6 — A Marcha Nacional dos Sem-Terra: um ritual político
Christine de Alencar Chaves

Cap. 7 — Reuniões camponesas, sociabilidade e lutas simbólicas
John Comerford

Parte IV – Clima de tempos

Cap. 8 — Política e tempo: nota exploratória
Moacir G.S. Palmeira

Cap. 9 — As nações vão às urnas: eleições na Assembléia Geral da ONU
Paulo de Góes Filho

Cap. 10 — Política, etnia e ritual. O caso do Rio das Rãs
Carlos Alberto Steil

SÉRIE ANTROPOLOGIA
Últimos títulos publicados

296. RAMOS, Alcida Rita. Rediscovering Indigenous Brazil: Echoes from the Quincentennial. 2001.
297. RIBEIRO, Gustavo Lins. Tropicalismo e Europeísmo. Modos de Representar o Brasil e a Argentina. 2001.
298. RIBEIRO, Gustavo Lins. Planet Bank: Ethnic Diversity in the World Bank. Planeta Banco: Diversidad Étnica en el Banco Mundial. 2001.
299. CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. Individualismo, Identidades Coletivas e Cidadania: Os Estados Unidos e o Quebec Vistos do Brasil. 2001.
300. BAINES, Stephen Grant. As Terras Indígenas no Brasil e a “regularização” da implantação de grandes usinas hidrelétricas e projetos de mineração na Amazônia. 2001.
301. RAMOS, Alcida Rita. Pulp Fictions of Indigenism. 2001.
302. RAMOS, Alcida Rita. Old Ethics Die Hard. The Yanomami and Scientific Writing. 2001.
303. RAMOS, Alcida Rita. The Predicament of Brazil’s Pluralism. 2001.
304. CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. Direitos Republicanos, Identidades Coletivas e Esfera Pública no Brasil e no Quebec. 2001.
305. PEIRANO, Mariza. Rituais como Estratégia Analítica e Abordagem Etnográfica. (Versões em português e inglês.) 2001.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia
Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Brasília
70910-900 – Brasília, DF

Fone: (061) 348-2368
Fone/Fax: (061) 273-3264/307-3006